



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA-UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

RAIZA DOS SANTOS ALBUQUERQUE

ANÁLISE PRELIMINAR DO POTENCIAL TURÍSTICO DA SERRA DO VITAL-PB

CAJAZEIRAS – PB

2017

RAIZA DOS SANTOS ALBUQUERQUE

ANÁLISE PRELIMINAR DO POTENCIAL TURÍSTICO DA SERRA DO VITAL-PB

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado à Unidade Acadêmica de Geografia – UNAGEO, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Me. Henaldo Moraes Gomes (UFCG)

Cajazeiras – PB
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

A345a Albuquerque, Raiza dos Santos.
Análise preliminar do potencial turístico da Serra do Vital-PB / Raiza dos Santos Albuquerque. - Cajazeiras, 2017.
46p.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Me. Henaldo Moraes Gomes.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2017.

1. Turismo rural. 2. Área rural - desenvolvimento turístico. 3. Serra do vital - Paraíba. 4. Potencialidade turística - Serra do Vital - Paraíba. I. Gomes, Henaldo Moraes. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 338.48(1-22)

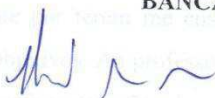
RAIZA DOS SANTOS ALBUQUERQUE

ANÁLISE PRELIMINAR DO POTENCIAL TURÍSTICO DA SERRA DO VITAL-PB

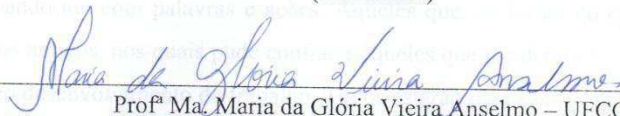
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado à Unidade Acadêmica de Geografia – UNAGEO, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: 25/04/2013

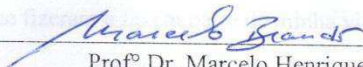
BANCA EXAMINADORA



Prof^o Me. Henaldo Moraes Gomes – UFCG
(Orientador)



Prof^ª Ma. Maria da Glória Vieira Anselmo – UFCG
(Examinador)



Prof^o Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão – UFCG
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente em quem eu acredito fielmente e que meu deu forças e sabedoria para chegar até aqui, ao senhor Deus, por ser essencial a minha vida, autor do meu destino e meu guia, por sempre me iluminar e me dar coragem para vencer os obstáculos da vida.

Agradeço à minha família, que é minha base e à minha mãe Josefa Luzinete, minha heroína, que sempre me apoiou, incentivou nas horas mais difíceis de desânimo, cansaço e que sempre me deu conselhos quando precisei. A meu pai, Mariano Barbosa que, apesar de todas as dificuldades, sempre me fortaleceu.

Obrigada a meus irmãos e sobrinhas, os quais sempre tiveram paciência comigo, compreendendo minhas ausências e entendendo que o futuro é fruto da dedicação realizada no presente.

Enorme gratidão à minha irmã, Raniela dos Santos Albuquerque. Afinal, não me esquecerei jamais da sua ajuda e da sua família, os quais, desde o início da minha formação, abriram as portas de casa e me abraçaram fielmente, de forma especial e carinhosa me apoiaram nos momentos de dificuldades. Obrigada, irmã, pela paciência que teve comigo, pois sem sua ajuda não teria conseguido.

À minha irmã, Rúbia dos Santos Albuquerque, e à sua família, por terem me dado apoio ao final desse curso. Por mais difíceis que tenham sido as circunstâncias, você sempre teve paciência e confiança em mim.

Aos professores de Geografia do CFP, que serviram de inspiração e que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinando, mas por terem me mostrado que podemos chegar aos nossos objetivos. Ao professor orientador Me. Henaldo Moraes Gomes, pelos seus conhecimentos, conselhos, atenção e boa vontade para com esta graduanda.

Reconhecimento a todos os meus amigos, que sempre estiveram comigo, apoiando-me e incentivando-me com palavras e ações. Àqueles que, ao longo do caminho, se mostraram verdadeiros amigos, nos quais pude confiar e àqueles que me deram força nos momentos mais aflitivos no desenvolvimento do trabalho. Todos estarão para sempre em minha vida.

Aos meus colegas de classe, por partilhar momentos de tristezas, alegrias, que contribuíram para efetivação deste trabalho.

A todos que fizeram e fazem parte da minha vida, muito obrigada!

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.
(Charles Chaplin)

RESUMO

O presente trabalho traz como tema: Análise preliminar do potencial turístico da Serra do Vital-PB. Sendo assim, seu objetivo principal consistiu em analisar e identificar o tipo de turismo desenvolvido no local de estudo escolhido. Visando apresentar os atrativos turísticos potenciais existentes. O estudo baseou-se no método dedutivo e utilizou como técnicas de pesquisa, a pesquisa bibliográfica e a ida ao campo para a coleta de dados, a fim de corroborar com o que a literatura diz respeito do tema. Os resultados desta análise mostraram que o desenvolvimento da atividade turística dessa área rural resulta da procura dos turistas por locais de descanso e lazer a fim de fugir vida cotidiana do espaço urbano. Foi constatado que o tipo de turismo implantado não se enquadra nos pressupostos da tipificação de Turismo de Base Local, nem de Turismo Comunitário. Mesmo estando em uma zona rural, por não preservar a cultura local do ponto de vista gastronômico e arquitetônico se constitui num Turismo em Áreas Rurais.

Palavras – chave: Áreas rurais, Potencialidade turística, Desenvolvimento turístico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização da área de estudo.....	24
Figura 2- Vista do alto da Serra.....	25
Figura 3- Aspectos da Vegetação da Serra do Vital.....	26
Figura 4- Amostra do Relevo da Serra do Vital.....	27
Figura 5 - Calçamento da estrada da Serra.....	30
Figura 6 - Outdoor Restaurante Nas Alturas.....	30
Figura 7- Visualização dos Chalés.....	31
Figura 8 - Restaurante da Serra do Vital.....	32
Figura 9- Cardápio do restaurante nas alturas.....	33
Figura 10 - Dia do Rock na Serra do Vital.....	34
Figura 11: Pedra do Urubu.....	35
Figura 12: Projetos em desenvolvimento.....	37

LISTA DE SIGLAS

CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMT- Organização Mundial de Turismo

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO - METODOLÓGICO	13
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1.1 Turismo Sertanejo	15
2.1.2 Turismo Comunitário	16
2.1.3 Turismo de Base Local	17
2.2. METODOLOGIA	20
3. CARACTERIZAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS E DA SERRA DO VITAL-PB...	23
3.1 SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-ASPECTOS GERAIS	23
3.2. CARACTERIZAÇÃO DA SERRA DO VITAL-PB	23
3.2.1. Aspectos Históricos	23
3.2.2 Localização	26
3.3. ASPECTOS AMBIENTAIS	25
3.3.1 O Clima	25
3.3.2 A Vegetação	26
3.3. ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS	28
4. DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA SERRA DO VITAL-PB	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O turismo em áreas rurais constitui-se como uma atividade produtiva, geradora de renda e se inclui entre os setores fundamentais para o desenvolvimento de certas regiões. Esse tipo de turismo deve ser considerado como um elo na construção de um relacionamento harmonioso e respeitoso entre o visitante e o visitado, visto que essa atividade proporciona aos turistas um contato direto com a natureza e possibilita aos mesmos experiências mais íntimas de vivência com o meio rural, que não pode ser encontrado nos centros urbanos. Essa atividade vem crescendo cada vez mais porque há uma demanda maior de turistas por locais distantes da vida cotidiana das cidades, visando encontrar nesses espaços naturais renovação espiritual, sossego e revitalização de forças físicas e mentais consumidas pelo cotidiano.

Na Serra do Vital-PB não é diferente, por se localizar em um ambiente rural, esta vem se destacando por desenvolver o turismo em áreas rurais, cuja atividade busca despertar nos turistas um maior envolvimento com a natureza e com a cultura local. O principal motivo de desenvolvimento do turismo em áreas rurais está ligado diretamente a atividades como: o contato indispensável com a natureza, o descanso, o lazer, o envolvimento com a cultura local, a gastronomia, a compra de produtos típicos (artesanatos, comidas típicas), entre outros.

Diante disso, o presente trabalho intitula-se: A Análise Preliminar do Potencial Turístico da Serra do Vital-PB. A escolha do tema deu-se em virtude do interesse em compreender o desenvolvimento do turismo no local. Logo, o objetivo do trabalho consistiu em analisar e identificar o tipo de turismo desenvolvido no local de estudo escolhido compreendendo as potencialidades turísticas do local, mostrando seus atrativos turísticos. Para tanto, a metodologia utilizada envolveu uma pesquisa como método dedutivo, caracterizado por uma pesquisa descritiva e analítica, utilizando como técnicas de pesquisa, a pesquisa bibliográfica e a ida ao campo para a coleta de dados, a fim de corroborar o que a literatura diz a respeito do tema.

Destarte, o trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: a introdução, na qual a apresenta-se o tema estudado e a estruturação do trabalho; o segundo capítulo, no qual se aborda a fundamentação teórica, que serviu como embasamento conceitual para o trabalho e, a descrição da metodologia empregada como forma de alcançar o objetivo proposto; o terceiro capítulo contém uma descrição mais detalhada da área de estudo (com relação a aspectos históricos, localização, aspectos ambientais (clima, vegetação) e aspectos socioeconômicos; no quarto capítulo, expõe-se uma análise do desenvolvimento do turismo na Serra do Vital desde a sua gênese 1997 até o início de 2017.

Por último, foram feitas as considerações finais a respeito do turismo na Serra do Vital e suas potencialidades existentes, mostrando como uma atividade que vem ganhando destaque por possuir uma maior interatividade entre os recursos naturais existentes e os turistas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra “turismo” surgiu no século XIX, como atividade que se estende pela história desde as mais antigas civilizações. Mas, foi a partir do século XX, e mais precisamente, após a Segunda Guerra Mundial, que este conceito evoluiu como consequência dos aspectos relacionados à produtividade empresarial, ao poder de compra das pessoas ao bem-estar e a restauração da paz mundial (RUSCHMANN, 1997).

Surgindo como a atividade econômica que mais cresce no mundo, o turismo é uma atividade socioeconômica e sua expansão está vinculada aos modos de produção e desenvolvimento tecnológico que contribuem para o fenômeno social voltado para as práticas cotidianas das pessoas.

Segundo Silva (1997, p. 261), “o turismo se apoia e desenvolve graças à existência e presença de atrativos naturais e culturais que compõem o conjunto paisagístico das regiões geográficas de destino turístico¹”. A utilização desses recursos vem impulsionando a atividade turística que se desenvolve à medida que tais recursos transformam-se em atrativos, buscando atender às necessidades dos indivíduos. Entendendo, assim, que o turismo utiliza desses recursos de forma exploratória para o seu pleno desenvolvimento.

De acordo com Andrade (2000, p. 38), “o turismo é definido como o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos”. Nesse sentido, o turismo envolve atividades que se relacionam com a prática de lazer e com os movimentos culturais e entretenimento.

É evidente a importância que o turismo exerce na sociedade contemporânea, desenvolvendo-se como prática social, econômica e ecológica, produzindo e organizando o espaço, estabelecendo relações de poder e permitindo uma abordagem geográfica para a compreensão da atividade turística.

Dessa forma, o turismo é visto e encarado dentro do sistema econômico como uma atividade que amplia a oferta de emprego e é geradora de renda. Sobre esse aspecto, concorda-se com o conceito de Coriolano (2003, p.368), “O turismo é simultaneamente ócio e trabalho, produto de modo de viver contemporâneo, cujos serviços criam formas confortáveis

¹Destino turístico trata-se de uma área geográfica que possui características peculiares do local, como: clima, infraestrutura e bens e serviços, com capacidade administrativas de desenvolver instrumentos voltados às necessidades do turista. (CHICICO, 2012)

e prazerosas de viver, porém restritas a poucos”. Fazer turismo, portanto, significa consumir tempo e dinheiro fora da residência habitual, significa também deslocamento e estadia em outros locais.

Nessa propositura, a pesquisa se fundamenta no turismo em áreas rurais consideradas de grande importância nas estratégias adotadas pelos proprietários ou produtores da região com o intuito de preservar a área e adquirir renda. A procura do espaço rural pelos turistas, saindo da rotina do espaço urbano, para satisfazer às suas necessidades de lazer, tem cada vez mais potencializado as atividades turísticas.

Dessa forma, a EMBRATUR (1994) define o Turismo Rural como atividade multidisciplinar que se realiza no meio ambiente, fora de áreas intensamente urbanizadas. Caracterizando-se pela presença de empresas turísticas de pequeno porte, que tem no uso da terra a atividade econômica predominante, voltada para práticas agrícolas e pecuárias.

O turismo rural é um dos segmentos turísticos que mais tem se expandido nas últimas décadas e também busca alternativas no desenvolvimento de suas atividades. “Os atrativos paisagísticos e culturais do meio rural estimulam crescimento e expansão desse setor [...]”. (SILVA, 1997, p. 267). Assim como explicam Almeida e Blos (1998), o turismo no espaço rural pode incrementar as coletividades locais, sem suprimir a atividade agrícola tradicional.

Dessa maneira, o turismo rural vem ganhando novas dimensões, principalmente em localidades e regiões onde o mesmo ocorre. Esse tipo de turismo não envolve somente o prazer do sossego de férias nas fazendas, mas todas as atividades que ocorrem ou venham a ocorrer no campo. Assim como o turismo rural, existem outros tipos de turismo, dentre eles, o Turismo Sertanejo, Turismo Comunitário, e Turismo de Base Local.

2.1.1 Turismo Sertanejo

A região semiárida sempre foi lembrada e caracterizada por uma área de pobreza, de clima quente e seco e com chuvas escassas. Mesmo com essas características, essa região apresenta uma grande potencialidade de recursos e atividades turísticas. Possuindo uma grande diversidade de cultura como: festas populares, gastronomia típica, artesanato, entre outros. Além de apresentar distintos e admiráveis lugares perdidos em meio à paisagem sertaneja. São essas características que possibilitam uma nova modalidade de turismo.

É nesse contexto que se define Turismo Sertanejo como uma atividade desenvolvida a partir da forma de lazer fundamentada na paisagem natural, no aspecto cultural e no desenvolvimento social do interior do Brasil (SEABRA, 2001).

Esse tipo de turismo possibilita que os turistas envolvam-se em experiências participativas em meio à paisagem sertaneja, tendo como exposições aspectos culturais e também folclóricos como: as manifestações folclóricas, o forró pé-de-serra, a literatura de cordel, as festas juninas, a gastronomia refletida pela grande diversidade, entre outros; além de atividades representativas do sertão turístico e são essas atividades que despertam o interesse e a procura do turista pelo local.

Essa atividade turística estimula o setor econômico de produção, uma vez que usufrui da descoberta de atrativos turísticos, mas não havendo descaracterização da paisagem sertaneja e nem perda da identidade cultural do homem. Assim como dizem Ansarah e Netto (2009, p. 90):

[...] o turismo sertanejo poderia ser uma opção para: diversificar a oferta turística do Brasil; minimizar as desigualdades regionais; valorizar a vida; resgatar a memória histórica, política, cultural da Região Nordeste do Brasil; conviver com o semiárido; fortalecer as relações interestaduais; promover a interiorização e regionalização de turismo responsável; dentre outras possibilidades.

Sendo uma atividade que vem ganhando força no seu desenvolvimento e tendo como premissa fortalecer o ambiente cultural, o turismo sertanejo tem como propósito resgatar e revigorar a identidade cultural do sertão, uma vez que essa atividade busca beneficiar a comunidade local e possibilitando a diminuição da pobreza. Nesse aspecto Seabra(2007 apud DÈLCI E THOMÀZ, 20014, p.86) dizem que:

É objetivo do Projeto Turismo Sertanejo promover uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos físicos,

biológicos, sociais, econômicos, tecnológicos, culturais, científicos e éticos. O palco onde se desenvolvem as ações do turismo sertanejo corresponde aos pequenos centros urbanos interioranos (arquitetura, artesanato, culinária, folclore), bem como as áreas rurais contíguas, destacando-se as paisagens naturais e agropecuárias [...].

Nesse contexto, o turismo é utilizado como forma de fortalecimento das regiões pobres, utilizando as culturas da comunidade e buscando um maior desenvolvimento regional, seguido pelas potencialidades existentes. Assim, esse turismo desenvolve-se a partir da reestruturação da cidade, ou seja, da sua organização voltada para a valorização das feiras livres, dos artesanatos e da culinária, a qual incentiva a cultura e a economia do local.

Por conseguinte, o turismo sertanejo desenvolve-se principalmente em áreas interioranas e tem como finalidade a interação dos turistas com o ambiente natural, cultural e social, resgatando a cultura e o meio ambiente do local.

2.1.2 Turismo Comunitário

O Turismo Comunitário é um tipo de modalidade desenvolvida pela própria comunidade. De caráter social, esta atividade está vinculada a um modelo de desenvolvimento relacionado à práticas sustentáveis e inclusivas. É uma atividade que contribui para a preservação e conservação do ambiente. Segundo Coriolano (2003, p.14), o Turismo Comunitário é definido como:

[...] aquele desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passam a ser articuladores e os construtores de cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida; leva todos a se sentirem capazes de contribuir, e organizar as estratégias do desenvolvimento do turismo.

Esse tipo de turismo proporciona uma maior relação com a comunidade, pois é uma atividade desenvolvida pelos próprios moradores do local, uma vez que estes se tornam articuladores e responsáveis pelo aumento da produtividade. São as comunidades que articula o que deve ser feito, seus desejos e desenvolvimento de seus próprios interesses.

Nesse sentido, o turismo comunitário, além de incentivar a preservação do patrimônio natural e cultural da comunidade local, desenvolve uma relação com o turista e a comunidade. Nele, o turista é levado a interagir com o lugar e com a população local, seja de índios, pescadores ou outros. Proporcionando uma maior aprendizagem ao visitante a partir de práticas relacionadas ao cotidiano da comunidade.

A necessidade de preservação do ambiente, nesse turismo, dá-se pelo fato de que a grande maioria da comunidade necessita da natureza e da atividade extrativista, seja a pesca, o artesanato, entre outros. Enfim, tudo produzido a partir dos recursos encontrados na natureza e do seu bom estado de conservação.

2.1.3 Turismo de Base Local

Como já afirmado anteriormente, o turismo é uma atividade social e econômica muito importante para o desenvolvimento local. Nessa perspectiva, dentro do contexto de desenvolvimento, novos modelos de turismo têm surgido voltados para o princípio de preservação cultural e conservação ambiental, dentre eles destaca-se o Turismo de Base Local.

O conceito de Turismo de Base Local é muito parecido com o conceito de Turismo de Base Comunitário, muitas vezes, confundidos pelas pessoas. No entanto, como dizem Bartholo e Sansolo (2009, p.158), “o turismo de base local é definido como uma possibilidade de uma nova modalidade para a atividade turística, cujas bases ajustam as relações de recepção ou hospitalidade”.

Nesse segmento, pode-se afirmar que aquilo que difere o Turismo de Base Comunitária do Turismo de Base Local é a importância que a comunidade exerce no planejamento e no desenvolvimento da atividade. Pois, enquanto o Turismo Comunitário se apoia no aspecto da natureza social, o Turismo de Base Local é caracterizado pelo aspecto do desenvolvimento do turismo numa escala local, ou seja, numa área geograficamente delimitada.

Na definição de Coriolano (2008), o Turismo de Base Local é uma atividade voltada para o interesse da população local, que por sua vez, tem em seu desenvolvimento a priorização da cultura e da identidade da sociedade receptora. No entanto, Carvalho (2007) acrescenta ainda, que esse turismo desperta a luta pelos direitos da comunidade evitando a participação da indústria do turismo de massa, uma vez que esta ameaça à qualidade de vida e as tradições da sociedade local.

Assim, o Turismo de Base Local é definido como uma alternativa da atividade turística sem fins lucrativos, integrado às formas e modos de vida da sociedade local relacionado com a natureza.

Portanto, como fenômeno dessa natureza, a Geografia não poderia deixar de fora os estudos referentes ao turismo, isso porque este se alinha à Geografia, em virtude do objeto de

estudo. E essa relação estabelece-se na organização do espaço ligado a relação sociedade-natureza. A relação do turismo com o espaço tem ocorrido, de forma geral, a partir da apreciação da paisagem, na qual se materializam os elementos do espaço turístico dentre eles: as ofertas, as demandas, os serviços, os transportes, infraestrutura, etc.

Do ponto de vista da Geografia, é possível relacionar o turismo às categorias geográficas do espaço como: paisagem, lugar, região, território e espaço, sendo as categorias paisagem e lugar de grande relevância para a temática abordada na monografia. Essas categorias são utilizadas como produtos ou atrativos turísticos para a realização da atividade turística. Logo, um dos principais fatores que levam os geógrafos a discutirem sobre essa atividade é a influência que esta exerce na organização do espaço onde se instala. Para compreender as transformações ocorridas no espaço ocasionado pelo turismo ao longo do tempo, os geógrafos destacam o termo Geografia do Turismo como uma importante abordagem para compreensão do fenômeno turístico. Assim como Filho (2005, apud CRUZ, 2003 p. 22) descreve:

A geografia do turismo, entretanto, não se refere apenas à abordagem científica do fenômeno do turismo pela ciência geográfica. A ‘geografia do turismo’ é uma expressão que se refere à dimensão socioespacial da prática social do turismo, e isto sim pode interessar às mais diversas áreas do conhecimento.

A Geografia do Turismo analisa e desenvolve modelos teóricos a partir de uma descrição anterior, ou seja, analisa a distribuição espacial de acordo com a oferta e a demanda, analisando os fluxos e os impactos que o turista traz ao local. Diferentemente, a Geografia Turística é entendida como o estudo da viagem e do turismo como indústria e como atividade cultural e social, ou seja, preocupa-se apenas em descrever o espaço turístico, a potencialidade dos espaços para atividades turísticas, os melhores pontos turísticos, os lugares mais atrativos, enfim, preocupa-se apenas com o lazer.

Segundo Seabra (2001, p. 280) afirma “o turismo deve adequar-se à realidade paisagística e sociocultural do interior Nordeste onde os custos são reduzidos e lucros garantidos[...]”. Desta forma, a paisagem é um elemento imprescindível e responsável pelo desenvolvimento e impulso da atividade turística. Quanto maior for o potencial paisagístico associado à boa recepção hoteleira, gastronomia e cultura, maior será o desenvolvimento da economia local.

Na concepção de Gomes (2001), a paisagem como representação resulta da compreensão do olhar do indivíduo que, por sua vez, é influenciada por aspectos fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos e pela ação de voltar à lembrança recorrente.

De acordo com Aranha e Guerra (2014), para o turismo, a paisagem é vista como um atrativo que é eminentemente observado, vivido e sentido. Sendo possível atribuir a ela valores importantes, ocorridos no meio ambiente, envolvendo as pessoas que habitam em uma localidade ou região e suas diferentes formas de ocupação ao longo do tempo. Seguindo o mesmo pensamento, Rodrigues (2000) afirma que paisagem é um recurso de grande valor turístico, que pode ser determinante na atratividade de um local.

Assim, observa-se que a paisagem é também entendida como atrativo turístico, e conforme Christofolletti (1999) afirma, está relacionada ao conceito de lugar, considerado como a menor entidade na qual se reúnem e se materializam aspectos dos elementos e das variáveis geográficas, compondo uma escala de grandeza da organização espacial. Nessa mesma linha de raciocínio, Santos (1994, p.36-37) explica que “lugar é a extensão do acontecer homogêneo e do acontecer solidário e se caracteriza pela própria configuração territorial, pelas normas, organizações e regimes de regulação”. Complementando a ideia, encontra-se o olhar de Carlos (2007, p.20) ao afirmar que:

É nos lugares que se viabilizam as possibilidades do turismo, “uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano os conflitos modernos”.

No turismo, o lugar se tornou um produto de experiência pessoal que só existe para quem o vivencia, sendo capaz de proporcionar segurança, aconchego, tranquilidade e sensação de paz. À medida que o turismo desenvolve uma relação do lugar com o mundo, seu desenvolvimento passa a transformar o ambiente, devido às inúmeras interações que essa atividade proporciona entre os visitantes e os residentes de uma comunidade receptora.

Diante da análise, entende-se que, para avaliar o potencial turístico de uma determinada região, é necessário levar em conta os recursos atrativos naturais e antrópicos, estes, na maioria das vezes, obtendo maior valor. Destarte, Almeida (2006, p.216) entende que o potencial turístico deve estar relacionado com:

A existência de condições objetivas favoráveis da oferta turística, dos aspectos normativo-institucionais e de outros fatores complementares capazes de viabilizar, por meio do adequado planejamento, uma exploração turística sustentável destinada a satisfazer uma demanda atual ou latente.

No entanto, as ofertas turísticas² podem ser tanto de aspecto natural, quando não há influência humana, quanto aquela tipicamente construída pelo homem, considerado o segmento do lazer e do conforto, permitindo ao turista³ explorar novos lugares, observar belezas naturais, conhecer novas culturas dentre outras diversidades regionais.

Com relação ao atrativo turístico, Braga (2007, p.79) entende que este se trata de “[...] um elemento que definitivamente recebe visitantes e tem estrutura para propiciar uma experiência turística”. No entanto, para se considerar um recurso como atrativo turístico, é necessário que uma demanda de pessoas já frequente o local, e as condições de infraestrutura sejam suficientes para recebê-los, bem como haja acontecimentos inéditos no local que motivem as pessoas a conhecê-lo, caso contrário, deixa de ser um atrativo turístico, e passa a ser um recurso turístico⁴.

A viabilidade dos aspectos turísticos de uma localidade determina o grau de interesse das pessoas em frequentar tal espaço, que se relaciona com a capacidade de suporte em absorver a demanda do local. Assim, os atrativos turísticos exercem papel fundamental para o desenvolvimento do turismo.

2.2 METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo de analisar os aspectos turísticos da Serra do Vital de forma a entender sua dinâmica turística, adotou-se uma metodologia fundamentada no entendimento de Marconi e Lakatos (2010 apud ANDER-EGG, 1978, p.28) de que pesquisa é um "procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento". É, portanto, o momento de reflexão e de autoconhecimento em busca da realidade de descobrir diferentes verdades.

Quanto ao método, Marconi e Lakatos (2003, p.83) explicam que: “é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o

² Entende-se por oferta turística conjuntos de atrativos turísticos, como bens e serviços, que desperte interesse das pessoas a visitarem uma determinada região.

³ Definição de turista segundo a OMT “é todo cidadão que se viaja para fora do seu local de residência permanente por mais de 24 horas, realizando, pelo menos, um pernoite sem intenção de fixar em residência e nem obtenção de lucro, mas que obtenha gastos fora do local visitado e que não ultrapasse (um) ano no local visitado sem exercer qualquer atividade remuneratória”. (SOUZA, 2005 apud OMT, 1994).

⁴ São elementos capazes por si só ou em combinação com os outros elementos atrair visitantes para um espaço particular tendo potencialidade de tornar atrativos turísticos, uma vez que não havendo possibilidade de visitação ou exploração, esses elementos passam a ser apenas recurso. (PIATZCHAKI, 2014).

objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido [...]” Nessa perspectiva, a pesquisa fundamenta-se no método dedutivo que, partindo das teorias e leis, na maioria das vezes prediz a ocorrência dos fenômenos particulares. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, esta última utilizada para observar as reais condições de vivência e as concepções dos sujeitos envolvidos, assim obtendo uma relação de diálogo entre o saber científico e o vivido.

Em relação ao objetivo da pesquisa, caracteriza-se por uma abordagem descritiva e analítica que, segundo Gil (2002, p.42) “tem como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou estabelecimento de relações entre variáveis [...]”.

Para a realização deste estudo científico, foram utilizadas técnicas metodológicas necessárias para o desenvolvimento da mesma. Marconi e Lakatos (2003, p.174) afirmam que “técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte [...]”. Toda pesquisa implica o desenvolvimento de dados de diversas fontes para darem suporte ao assunto estudado, as técnicas utilizadas partiram da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo.

Sobre a pesquisa bibliográfica, Marconi e Lakatos (2003, p.183) explicam que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fonte secundária abrange toda a bibliografia, já tornada pública em relação ao tema estudado desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.[...].

Para o desenvolvimento deste estudo, foram utilizados livros disponíveis na Biblioteca Campus de Cajazeiras-UFCG, além de teses, dissertações, artigos, e literaturas clássicas e atuais disponíveis no meio eletrônico que apresentam as visões de autores a respeito da temática. Além disso, foram realizadas pesquisas de campo, acompanhadas com entrevista para obter informações necessárias, a fim de conhecer a área em estudo e, desta forma, descrever a realidade do local. Sobre esta técnica, Marconi e Lakatos (2003, p.186) afirmam que:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

A entrevista é um instrumento importante para a coleta de dados, assim como dizem Goode e Hatt (1969, p.237), a entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão,

focalização, fidedignidade e validade do certo ato social como a conservação”. Reforçando a colocação, Marconi e Lakatos (2003, p. 195) explicam que:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.

Foi realizada entrevistas nos meses de Fevereiro e Março de 2017, como o proprietário do único empreendimento turístico da Serra do Vital- PB. A partir da realização da entrevista e dos levantamentos bibliográficos, os dados coletados seguiram uma sequência lógica, os mesmos foram interpretados, elaborados, analisados e descritos a fim de assegurar o desenvolvimento da pesquisa.

Assim, a partir dessas informações e das coletas de dados, foi possível analisar os dados obtidos a fim de que se pudesse adquirir uma visão detalhada a respeito da potencialidade turística da Serra do Vital, município de São José de Piranhas–PB.

A partir de todos estes procedimentos técnicos e análises de dados, foi possível também adquirir uma quantidade de informações e dados suficientes para dar suporte a temática sobre a área estudada, permitindo um melhor desenvolvimento de estudo.

3. CARACTERIZAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS E DA SERRA DO VITAL-PB

3.1 SÃO JOSÉ DE PIRANHAS- ASPECTOS GERAIS

O município de São José de Piranhas encontra-se no extremo Oeste da Paraíba, o qual faz parte da microrregião de Cajazeiras. Tendo como municípios limítrofes as cidades de Cajazeiras e Nazarezinho ao norte; a leste Carrapateira e Aguiar; Serra Grande e Monte Horebe ao sul; Cachoeira dos Índios e Barro (CE) a oeste. De acordo com o IBGE (2014), ocupa uma área territorial de 677,305 km². Segundo o Censo Demográfico 2010, a população total era de 19.096 habitantes com estimativa para o ano 2016 de aproximadamente 20.062.

A sede do município encontra-se a uma altitude de 320m e tem como coordenadas geográficas 38° 30' 07" de longitude oeste e 07° 07' 15" de latitude sul. O acesso, a partir da capital estadual, João Pessoa, pode ser feito por meio da BR-230 até cerca de 16 km após a cidade de Cajazeiras, onde toma-se a PB-400, percorrendo 32 km até a urbe, totalizando a distância de 492,0 km (CPRM, 2005).

O relevo é movimentado, existindo elevações, a exemplo da Serra do Vital, Serra do Bento e Serra do Braga.

A economia do município baseia-se na agropecuária. A vegetação da localidade repercute as condições climáticas do semiárido. Sendo assim, a vegetação do município é a caatinga.

O regime pluviométrico apresenta índices baixos e irregulares com médias anuais de 849,6 mm por ano, com mínimas e máximas de 201,3 e 1561,3 mm por ano. As quatro estações não se definem totalmente, caracterizando-se pela existência de somente duas estações do ano: a seca, cujo clímax compreende os meses de setembro a dezembro e, a chuvosa, restrita a um período de 3 a 4 meses ocorrendo quase sempre entre o outono e o inverno. (CPRM, 2005).

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA SERRA DO VITAL-PB

3.2.1 Aspectos Históricos

O processo de colonização das terras onde se insere a Serra do Vital se deu a partir do século XVIII, constituído pelas antigas sesmarias. As primeiras famílias a se instalar nas terras foram as de Luiz Gomes de Albuquerque e de Luiza Maria do Espírito Santo, atraídos pelas belezas e riquezas das paisagens, o casal permaneceu por muito tempo nas terras. Desse amor entre o casal, nasceram alguns filhos, dentre eles, Ana Maria de Albuquerque, que mais tarde, seria conhecida como “mãe aninha”.

Ana Maria casou-se então com Vital de Sousa Rolim e foi residir nas terras que seu pai doou como presente de casamento, terras que, futuramente, receberiam o nome de Serra do Vital. Encantado pelas belezas das paisagens das terras que herdou e, sabendo que ali construiria sua família, Vital Rolim passa a construir sua casa dentro de uma mata fechada onde predominavam diversas espécies de vegetação, dentre elas, as cajazeiras, que mais tarde seriam utilizadas para dar nome à cidade de Cajazeiras. (ADERALDO, 1960).

3.2.2 Localização

A Serra do Vital está localizada entre os municípios de São José de Piranhas e Cajazeiras (figura 1). O acesso é feito por meio da PB 400 até a altura do km 19, com distância de 25 km entre os municípios. A serra possui altitude média superior a 700 metros.

Figura 1: Localização da área de estudo.



Fonte: Google Earth, 2017.

Figura 2: vista do alto da Serra.



Fonte: Autoria Própria, 2017.

Do alto da serra, avistam-se algumas cidades, (figura 2) principalmente no período noturno, além destas, ainda é possível ver o açude de Engenheiro Ávido, conhecido como Boqueirão que abastece a cidade de Cajazeiras.

3.3 ASPECTOS AMBIENTAIS

3.3.1 O clima

A Serra do Vital, por apresentar características edafoclimáticas distintas, não se caracteriza pelo clima semiárido BSh', sua característica climática está voltada para o clima Aw', descrita na classificação de Koppen por apresentar características de clima quente e semiúmido, com chuvas de verão e outono, com média térmica anual superior a 20°C e em media 27°C, máxima em torno de 35°C e mínima em torno de 20°C, com índice pluviométricos anuais entre 700 e 1200mm". (HECKENDORFF, 1985)

3.3.2 A vegetação

A vegetação de uma região é caracterizada pelas condições climáticas, nas quais ela está inserida. A vegetação da Serra do Vital (figura 3) caracteriza-se por ser uma vegetação hipoxerófila, ou seja, espécies que se adaptam a climas amenos, com baixa precipitação anual que se distribui em curto período de tempo. Desenvolve-se nessa Serra uma espécie de vegetação com espécies arbóreas e arbustivas da caatinga (baraúna, angico, jurema, entre outras).

Figura 3. Aspectos da vegetação da Serra do Vital



Fonte: Autoria Própria, 2017.

No que diz respeito aos solos, a Serra do Vital caracteriza-se pelos solos podzólicos, com acumulação de argila no horizonte B sobre rochas cristalinas e, solos pouco evoluídos (litossolos) com afloramentos rochosos. Na nova classificação o solo podzólicos passa a ser considerados como (argissolos) e os litossolos como (neossolos). (MELO, 1985).

Figura 4: Amostra do relevo da Serra do Vital



Fonte: Araújo, 2013.

3.4. ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

Inserida no município de São José de Piranhas, a Serra do Vital localiza-se numa área rural, onde residem aproximadamente 50 famílias. A maioria, pequenos produtores, que possuem um contato direto com a natureza, retirando o alimento para o próprio consumo e dos animais domésticos.

A base econômica dessas famílias está voltada para a agricultura e pecuária como atividades principais da região, possuindo ainda como renda extra os benefícios do Governo⁵.

Alguns moradores da Serra do Vital-PB obtêm uma renda complementar na construção das infraestruturas do empreendimento turístico e também nos serviços de alimentação, limpeza e hospedagem, principalmente nos finais de semana e feriados.

Assim, quando se pergunta ao entrevistado A sobre a participação da comunidade no desenvolvimento da atividade turística o mesmo diz que:

A participação da comunidade nesse desenvolvimento turístico está voltada somente nos serviços da mão de obra, que são contratados para a construção da infraestrutura dos estabelecimentos como o restaurante e chalés e serviços de atendimento aos turistas. Estes serviços são de caráter permanentes sendo trabalhadores da própria

⁵ Dentre os benefícios do Governo (bolsa família, aposentadoria, seguro safra).

comunidade contratados como diaristas por que o forte do fluxo turístico aqui na serra é durante os finais de semana. (DADOS DA PESQUISA, 2017).

Assim, observa-se que apenas uma pequena parcela da população, residente da comunidade, participa do desenvolvimento das atividades turísticas na Serra, e essa participação ocorre por meio dos serviços de mão-de-obra agregadas aos serviços de atendimento entre outros.

4. DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA SERRA DO VITAL-PB

Enquanto fenômeno econômico e social, o turismo desenvolve-se e cresce gradativamente ao longo dos anos, apresentando-se como fonte de renda, tanto para o governo, como para o setor privado, tornando-se uma ferramenta de importância para o desenvolvimento de algumas localidades receptoras.

Além disso, esse fenômeno é visto como uma atividade de prática social que consome espaço, e essa apropriação e consumo se dão por meio de serviços voltados para seu desenvolvimento, dentre eles: apreciação da paisagem, preservação da cultura local, serviços de hospedagem, incluídos a restauração, bem estar e lazer; ou seja, são práticas de ações como estas que auxiliam no desenvolvimento do turismo buscando estabelecer uma relação do turista com o local visitado. (CAVACO, 1994).

A procura por esses atrativos, principalmente em áreas rurais como local de descanso, cresce cada vez mais, isso porque os turistas buscam fugir da sociedade altamente industrializada e globalizada, onde existe poluição visual, sonora e outras.

Assim, o desenvolvimento do turismo na Serra do Vital caracteriza-se por ser uma atividade recente que se desenvolveu não somente pelos recursos naturais existentes, mas pelos serviços de infraestrutura ligados ao processo de desenvolvimento turístico. Desta forma, pode-se dizer que o turismo por um lado trouxe, como impacto negativo para a Serra do Vital, a descaracterização das paisagens provocadas pelas construções dos equipamentos turísticos, e por outro lado, proporcionou maior renda e emprego às pessoas da comunidade.

Algumas atividades estão voltadas ao meio rural e são oferecidos pelo proprietário da área (Entrevistado A), que buscou desenvolver e tornar sua propriedade um ponto turístico, constituindo, assim, mais visitas ao local. Quando questionado sobre o início do turismo na Serra do Vital, o Entrevistado A explica que:

Eu comprei essa área há 20 (vinte) anos atrás e vim morar aqui, não se pensava em desenvolver nenhum tipo de atividade desse caráter. Na época, os amigos mais próximos vinham visitar e ficavam sugerindo desenvolver o turismo aqui, no entanto as visitas eram poucas, mas foi precisamente quando uma parte da estrada que dá acesso a serra foi calçada, as visitas aumentaram e, de fato, resolvi transformar a casa em que eu morava no restaurante hoje. (DADOS DA PESQUISA, 2017).

O calçamento a que se refere, conforme mostra a (figura 5), foi realizado a partir de um convênio entre a comunidade local e o Governo do Estado, na época administrado pelo

ex-governador Cássio Cunha Lima. O calçamento da estrada melhorou significativamente a trafegabilidade de pessoas e veículos.

Figura 5: Calçamento da estrada da Serra



Fonte: Autoria Própria, 2017.

No que diz respeito à sinalização e quanto ao acesso à área, a mesma possui placa e outdoors para a facilitação da chegada dos turistas. Este último (visto na figura 6) é utilizado como propaganda para atrair os turistas. Todo o percurso da estrada possui placas que mostram como chegar ao local.

Figura 6: Outdoor Restaurante nas Alturas



Fonte: Autoria Própria, 2017.

Atualmente, na Serra do Vital, existe apenas 01 (um) restaurante que vem se desenvolvendo com as comidas da própria região. Também estão em construção 05 (cinco)

chalés, com capacidade para receber oito pessoas cada. A construção desses chalés (figura 7) foi incentivada pelos próprios turistas, como explica o Entrevistado A:

A construção dos chalés foram os próprios turistas do restaurante que solicitaram, os mesmos vinham para almoçar, jantar e queriam ficar o fim de semana, fugir da área urbana para o conforto, repouso e lazer. Funcionamos dois anos somente com o restaurante e depois disso começamos a construir os chalés que vem repercutindo bastante. (DADOS DA PESQUISA, 2017).

No entanto, entende-se que são alojamentos típicos de áreas rurais, como diz Ribeiro (2003, p, 200) “é entendido como pré-condição do turismo que se distingue da hotelaria convencional devido ao atendimento personalizado, à possibilidade de usufruir da gastronomia tradicional e dos produtos regionais e do contato com a natureza”. Esse tipo de alojamento não pode ser compreendido como fazenda-hotel ⁶, mas como pousadas rurais por ser de pequeno porte que oferece aos visitantes descansos e lazer.

Figura 7: Visualização dos Chalés



Fonte: Autoria Própria, 2017.

A demanda dos turistas pelo setor de hospedagem/chalés, nessa área, ocorre principalmente nos meses de maiores festividades, como Dezembro, Fevereiro, Abril, Junho e em meses que possuam feriados prolongados.

⁶ Fazenda-hotel é feita para receber hóspedes, voltada para uma clientela da zona urbana estabelecendo uma carência do cotidiano da terra com uma rotina de um modo de vida diferente na qual no imaginário urbano remete a reconciliação com a natureza (GOMES, 2004).

Assim, as práticas comuns à vida no campo, a exemplo das manifestações culturais, culinária e a própria paisagem, são considerados importantes componentes do produto turístico rural. No entanto, nessa região, não é somente a paisagem o produto do desenvolvimento turístico, mas todos os elementos que a envolvem, inclusive a infraestrutura social que se relaciona com a gastronomia típica do local. (figura 8).

Figura 8: Restaurante da Serra do Vital.



Fonte: Aatoria Própria, 2017.

O empreendimento é administrado por pessoas de uma única família no qual oferece um cardápio, (vista na figura 9), com diversidades de culinárias, tais como: galinha de capoeira, peixe, picanha na chapa, carne de sol, carne de porco, frango na chapa, batata frita, feijoada, mungunzá e também bebidas, estas trazidas de outras regiões e vendidas no local.

Figura 9: Cardápio do Restaurante nas Alturas

Petiscos	
Lingüiça com Frango a Passarinho	RS20,00
Carne de Sol com macaxeira e queijo	RS20,00
Batata Frita com carne de Sol	RS20,00
Batata Frita com calabresa	RS15,00
Batata Frita com bacon	RS15,00
Batata Frita	RS10,00
Buchada de Bode (unidade)	RS12,00
Lombo Coberto (unidade)	RS12,00
Queijo Coalho Frito	RS10,00
Coxinha de Frango (10 unidade)	RS10,00
Petisco da Casa	RS10,00
Macaxeira Frita	RS 5,00
Ovo de codorna	RS 5,00
Bola Coberta (unidade)	RS 1,50
Outros	
Café da manhã (por pessoa)	RS10,00
Suco de Fruta	RS 8,00
Suave	
Suco de Fruta	RS 4,00
Suave	
Coco	RS 6,00
Suave	
Coco	RS 2,50
Doce Caseiro	RS 2,00

Refeições	
Galinha de Capoeira Coberta	RS85,00
Galinha de Capoeira	RS75,00
Capote	RS65,00
Peixe Frito, Cozido ou Assado G.	RS40,00
Peixe Frito, Cozido ou Assado M.	RS35,00
Peixe Frito, Cozido ou Assado P.	RS30,00
Picanha	RS35,00
Cameiro Cozido	RS35,00
Bife Acebolado	RS35,00
Carne de Sol Boi ou Porco	RS30,00
Costelinha de Porco Frito	RS30,00
Peito de Frango Grelhado	RS25,00
PF	RS12,00
Porções	
Arroz	RS10,00
Bolão	RS10,00
Macarrão	RS10,00
Feijoadá	RS 5,00
Mungunzá	RS 5,00
Ensopado de Camarão	RS 5,00
Caldo de Peixe	RS 5,00

Fonte: Autoria Própria, 2017.

Além da culinária, outro fator que se destaca ao empreendimento dessas atividades são as músicas ao vivo, que auxiliaram no desenvolvimento, a partir da inauguração do próprio estabelecimento. Sobre isso, o Entrevistado A considera:

A inauguração do Restaurante foi realizada a 7 anos atrás na época do São João, quando teve musica ao vivo no estilo de forró pé de serra, vendo que teve satisfação na parte dos turistas, começamos a desenvolver aos domingos eventos musicais ao vivo, como evento anual e tem ganhando grande destaque é o famoso (dia do Rock) que vem se desenvolvendo de forma satisfatória. (DADOS DA PESQUISA, 2017).

A partir dessa inauguração, o local vem ganhando destaque maior, através das festividades e dos eventos realizados todos os anos. Entre os eventos realizados, destaca-se o famoso Dia do Rock (figura 10), umas das atrações que ganha destaque no gosto dos turistas pelo local.

Figura 10: Dia do Rock na Serra do Vital



. Fonte: Nas Alturas, página do Facebook, 2017.

No entanto, o que se deve entender é que todo estabelecimento precisa de uma infraestrutura adequada para oferecer serviços de conforto e qualidade aos clientes, tornando-se importante para o fator turístico. Assim como diz Fagliari (2005), alguns empreendimentos na área de bebidas e alimentos pode representar um desenvolvimento diferencial para atrair mais turistas, uma vez que esses estabelecimentos fazem parte do cotidiano da população, fazendo com que esses empreendimentos sejam uma oferta técnica do turismo.

Além disso, pode ser encontrado na Serra, como recurso próprio da natureza, a famosa Pedra do Urubu (figura 11), um mirante natural utilizado pelos turistas e visitantes como um local para apreciação das paisagens. Igualmente, outro local bastante visitado é o Talhado do Gavião, usado como lugar para trilhas e caminhadas e que, atualmente, encontra-se em processo de desenvolvimento para novas atividades turísticas como Rapel e Parapente, com a finalidade de aumentar o fluxo turístico da região.

Figura 11: Pedra do Urubu

Fonte: Autoria Própria, 2017.

Entretanto, deve-se dizer que as atividades já citadas e desenvolvidas na Serra estão voltadas ao turismo em áreas rurais, o qual, como diz Lane (1994) é caracterizado a partir de critérios, tais como, estar localizado em áreas rurais, ser funcionalmente rural, de pequena escala e de carácter tradicional com um crescimento gradual. Que por sua vez deve ser distinguido do turismo rural, quando explica Kastenholtz (2002), que o turismo rural engloba a cultura rural como parte do produto, integrado num ambiente físico e humano rural, participante do modo de vida rural e que privilegie um contato personalizado.

Assim, é possível continuar afirmando que o turismo existente em desenvolvimento na Serra do Vital é turismo característico de áreas rurais e que não deve ser considerado como um fenômeno turístico de Base local, uma vez que este traz no seu conceito a possibilidade de uma nova modalidade para a atividade turística voltada para o interesse da população local, e nem tão pouco com o conceito de turismo Comunitário, visto que esse é uma modalidade desenvolvida pela própria comunidade, ou seja, pelos próprios moradores do local.

Obtendo-se uma análise do turismo na Serra do Vital, entende-se que essa atividade é utilizada como fonte de renda para o proprietário do local com discreta participação da comunidade presente.⁷ Para o desenvolvimento desse fenômeno, cabe destacar que o mesmo não segue todos os elementos fundamentais do turismo citados por Chicico (2012, p. 39) como: “marco valórico, marco material ou instrumental, marco sinérgico e marco endógeno”.

⁷ Os poucos moradores da localidade envolvidos no Turismo se restringem aos serviços temporários de garçons nos feriados e finais de semana.

Destes elementos citados, apenas o marco material⁸ aparece em desenvolvimento na Serra, pois este se concretiza como recurso que dá condições de emprego e de trabalhos fixos temporários, cujos serviços voltam-se ao atendimento dos turistas.

O marco valórico⁹ torna-se inexistente na Serra, porque este busca o envolvimento do sujeito com a comunidade local de forma coletiva, o que não é visto como forma de desenvolvimento das atividades turísticas. E o marco sinérgico¹⁰ também não se destaca nesse desenvolvimento, uma vez que não há nenhuma rede de relações voltadas para vínculos de cooperativas de ajuda mútua.

No entanto, a Serra do Vital encontra-se naturalmente relacionada a fenômenos turísticos a partir de sua própria diversidade morfológica, ecológica, ambiental. A região em análise apresenta uma diversidade paisagística com uma beleza cênica contemplativa, para quem a visita. Neste contexto, a qualidade desta atividade busca oferecer ao visitante uma maior satisfação, para que este não apenas retorne, mas que usufrua de experiências positivas no ambiente em que vive.

Assim, com essa perspectiva, o turismo na Serra busca desenvolver suas atividades turísticas cada vez mais. Até o início de 2017, esta em desenvolvimento o projeto (visto na figura 12), que buscava atrair mais turistas para o local, como: a construção de piscinas, construção de cisternas para capacitação de água no período chuvoso, trilhas para caminhada e desenvolvimento de atividades artesanais, esta última desenvolvida pelos próprios moradores e cidades vizinhas que produziam e comercializava seus produtos na Serra do Vital, tendo como objetivo aumentar a renda e, conseqüentemente, gerar mais emprego para a comunidade.

⁸ Marco material ou instrumental – se traduz nos recursos materiais, as condições de pleno emprego com dignidade, a distribuição equitativa dos benefícios e o uso de tecnologias de baixo impacto. (CHICICO, 2012, p.38-39).

⁹ O Marco Valórico - se relaciona com a prática da democracia, da justiça, da ética e da solidariedade, onde o homem é visto como indivíduo e sujeito coletivo que vive na sociedade [...] (CHICICO, 2012, p. 38).

¹⁰ Marco Sinérgico – é entendido como um pacto coletivo, ou seja, expressa um envolvimento com os sujeitos dos locais nas quais estão inseridos numa rede de relação cujo vínculo se estabelece a partir de cooperação e solidariedade. (CHICICO, 2012, p. 39).

Figura 12: projetos em desenvolvimento



Fonte: Aatoria própria, 2017.

Diante disso, as atividades turísticas da Serra do Vital vêm se desenvolvendo gradativamente e aumentando a potencialidade dos atrativos turísticos, através dos principais fatores que influenciam para a atração do alto da Serra, destacados pelo clima, paisagem, pelo próprio lugar, pela hospedagem/chalés e também pelo “Restaurante nas Alturas” na qual possui uma culinária local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo, entende-se que o turismo em áreas rurais vem se desenvolvendo como uma oportunidade de negócio para as famílias de agricultores desenvolverem atividades ligadas ao turismo, com intuito de aumentar sua renda e proporcionar conforto e bem estar para aqueles que desejam desfrutar as atividades no meio rural, a partir da gastronomia, da cultura do local, entre outras atividades. E nesse sentido, oferecer aos turistas condições para que estes possam desfrutar dos recursos naturais e sociais, não encontrados no meio urbano, inerentes à propriedade. No entanto, percebe-se que pequenos empreendimentos começam a ganhar forma e tornam-se opções de lugares a serem visitados pelos turistas.

No que diz respeito ao desenvolvimento do turismo na Serra do Vital, a comunidade local teve pouca participação nas atividades turísticas, seu envolvimento tem destaque apenas na mão-de-obra utilizada nas construções dos empreendimentos estruturais e nos serviços de atendimento aos turistas.

O desenvolvimento da atividade turística na área estudada deveria ser feito de forma a proporcionar ao visitante uma experiência autêntica e inovadora, em relação às demais atividades produtivas da propriedade sem, contudo, descaracterizá-la. No entanto, observa-se que houve uma descaracterização da área para a implementação desses empreendimentos a fim de proporcionar conforto ao turista, uma vez que a procura dos turistas por locais junto à natureza é mais notável quando utilizam desses espaços como tentativa de reabilitar as forças físicas e mentais consumidas pelo espaço urbano.

Entretanto, para que o turismo se desenvolva, além de tudo que foi citado, é necessário que haja uma divulgação desse setor a partir de tecnologias da informação, tornando-se importante para a melhoria do desenvolvimento turístico. O turismo na Serra do Vital vem sendo divulgado por áreas jornalísticas da própria região como: rádios, diário do sertão e a TV Sertão da Paraíba, sites jornalísticos que contribuem para aumento do fluxo turístico. Além disso, há a criação de outdoors, como propaganda para facilitar o acesso desses indivíduos ao local. Essa criação de outdoors foi desenvolvida com parceria de outras empresas existentes no mercado.

Considerando as potencialidades existentes e as atividades turísticas na Serra do Vital, esse trabalho considera como sugestão uma parceria do proprietário rural juntamente com órgãos voltados para o turismo como: SEBRAE, EMBRATUR, e Consultorias Especializadas, a fim de promover e viabilizar incentivos para o desenvolvimento da atividade. Nesses projetos, deve estar incluída a proposta de conscientização ambiental por

parte dos turistas, visto que as atividades turísticas em áreas rurais despertam um envolvimento maior dos mesmos com a natureza, fato que exige, em contrapartida, uma preservação maior das belezas naturais existentes no local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADERALDO, M. S. ROLINS, CARTAXOS E AFINS *Árvore Genealógica de minha esposa*. 1990. Disponível em: < <https://www.institutoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1960/1960-RolinsCartaxoseAfins.pdf>>. Acesso em 12/Fev/2017.
- FAGLIARI, G. S. **Turismo e alimentação: análises introdutórias**. Roca. SP. 2005.
- ALMEIDA, J. A.; BLOS, W. O marketing do turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: UFSM (ed.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Santa Maria: UFSM, 1998.
- ANDRADE, J. V. de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- ALMEIDA, M. **Matriz de avaliação do potencial turístico de localidades receptoras**. Tese de doutorado Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006
- ANDRADE, J. V. de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- ANDER-EGG, E. Introduccion a las técnicas de investigacion social: para trabajadores sociales. 7. Ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978. Parte n, Capítulo 6. In: In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- ANSARAH, M. G. R.; NETTO, A. P. **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 2009.
- ARANHA, R.; GUERRA, A. **Geografia Aplicada ao Turismo**. 1º Ed. São Paulo: Oficina de Textos. 2014.
- ARAÚJO, G. **Panoramio google maps**, 2013. Disponível em:< <https://www.panoramio.com/photo/87187601#>>. Acesso em: 15/Março/2017.
- BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G. **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- BRAGA, D. C. **Planejamento turístico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- CARVALHO, J. C. O Turismo Comunitário como Fator de Desenvolvimento Local: O caso da Comunidade Barro Vermelho – Parnaíba/PI, 2007. In: CHICICO Felicidade da Juliana. **TURISMO DE BASE LOCAL COMO UM POSSÍVEL INDUTOR DE DESENVOLVIMENTO RURAL: uma análise da realidade e das potencialidades no distrito de Dondo-Moçambique**. Natal, 2012.
- CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec, 1996.
- _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAVACO, C. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1994. P.95-121.

CHRISTOFOLETTI, A. As teorias geomorfológicas. *Notícia Geomorfológica*, 13(25): 3-42. Rio Claro, 1999. In: SEABRA G.(Org) **TURISMO DE BASE LOCAL identidade cultural e desenvolvimento regional**. Editora Universitária UFPB. João Pessoa, 2007

CORIOLOANO, L. N. M.; LIMA, L. C. **Turismo Comunitário e responsabilidade socioambiental**. In: SEARA G.(Org). *Comunidades Natureza e Cultura no Turismo*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/126590903/PUBLICACAO-TURISMO-SERTANEJO-COMUNITARIO>>. Acesso em 15/janeiro/2017.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Turismo de inclusão e desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE. 2003. 368p.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **O turismo comunitário no nordeste brasileiro**. In: **V Seminário de Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. Belo Horizonte- MG. 2008. Disponível em: file:///C:/Users/ADM/Documents/O_turismo_comunitario_no_nordeste_brasileiro.pdf. Acesso em 17/Fevereiro/2017.

CRUZ, R.C.A. *Introdução à geografia do turismo*. 2 ed. São Paulo: Roca, 2003.

CPRM, Serviço Geológico do Brasil. Caracterização fisiográfica e hidroclimática do estado da Paraíba. AESA, 2005. Disponível em: http://www.aesa.pb.gov.br/perh/relatorio_final/Capitulo%202/pdf/2.8%20%20CaracGeologic a.pdf. Acesso em: 20/Dez/2016.

DÉLCI, J. V. C; THOMÁZ, R. C. C. **TURISMO SERTANEJO: EM BUSCA DE UM NOVO PANORAMA PARA O SERTÃO**. In: PORTUGUES, A. P.; FREITAS Bruno de; OLIVEIRA Hélio Carlos Miranda de. (Org.). **Turismo sertanejo: a comunidade, o lugar e os saberes locais**. Ituiutaba: Editora Barlavento, 2014. Disponível em <<https://asebabaoloriginbin.files.wordpress.com/2014/11/e-book-turismo-sertanejo>> Acesso em 15 de Janeiro de 2007

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo – **Manual do Turismo Rural**. Brasília: Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, 1994.

FAGLIARI, G. S. **Turismo e alimentação: análises introdutórias**. Roca. SP. 2005.

FILHO, C. E. P. G. *A Geografia Estudando O Turismo: Uma Análise Dos Trabalhos Apresentados Em Dois Eventos Geográficos Nacionais*. Londrina, 2005.

GOODE, W J.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. 3. Ed. São Paulo: Nacional, 1969. Capítulo 8. In: MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M.. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

GOMES, E. **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

GOMES, E. M.M. **TURISMO RURAL: PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DO PARANOÁ-RA VII**. Universidade de Brasília, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HEKENDORFE, W.P. **climatologia**. In: Governo do Estado da Paraíba. Secretaria de Educação. UFPB. Atlas Geográfico do Estado da Paraíba. Joao Pessoa, Grafset, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE: cidades@**: São José de Piranhas: PB. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251450&search=paraibalsao-jose-de-piranhas>>. Acesso em: 20/Dez/2016.

KASTENHOLZ, E. **O papel da imagem do destino no comportamento do turista e implicações em termos de marketing: o caso do Norte de Portugal**. Dissertação de Doutorado, Universidade de Aveiro. 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, A. S. T. **Solos**. In: Governo do Estado da Paraíba. Secretaria de Educação. UFPB. Atlas Geográfico do Estado da Paraíba. João Pessoa. Grafset, 1985.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO – OMT. **Desenvolvimento de Turismo Sustentável: manual para organizadores locais**. Brasília, DF: MICT – SETS, EMBRATUR, [s.d.]. 217p.

PIATZCHAKI, V. **Análise Da Potencialidade Turística Do Município De Irati – Pr**. Irati-PR, 2014.

RODRIGUES, I. S. **A avaliação da paisagem para fins de desenvolvimento turístico**. In: ALMEIDA, J. A.; RIELD, Mário. *Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. P. 223- 261

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço - Rumo ao conhecimento transdisciplinar**. São Paulo-SP: Ed. HUCITEC, 1997.

RIBEIRO, M. “**Espaços rurais como espaços turísticos - reflexões em torno da construção de turismo em espaço rural em Portugal**”, in Portela, José e Caldas, José Carlos, Portugal Chão, Celta Editora, Oeiras, 2003. P.199-216. Disponível em: <<http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/362/1/MestradoS%C3%B3niaNunes.pdf>>. Acesso em 10/Mar/2017.

RUSCHMANN, D. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do meio Ambiente**. 8. ed. São Paulo: PAPIRUS, 1997

SANTOS, M.A. **Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1994, p.36-37. In: SEABRA G.(Org) **TURISMO DE BASE LOCAL identidade cultural e desenvolvimento regional**. Editora Universitária UFPB. João Pessoa, 2007.

SEABRA, G. Turismo Sertanejo – a cultura regional e o desenvolvimento local. . In: SEABRA, G. (Org.). **Turismo de Base Local**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001, p. 327-334.

_____. **O Turismo Sertanejo como alternativa econômica para o semiárido**. Revista Passos, Islas Canárias, v. 1, n. 2, 137-143, 2003. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/1203/PASOS02.pdf>>. Acesso em 10/Dezembro/2016.

_____. **Turismo Sertanejo**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2007.

SOUZA, A. P. A. **O TURISMO COMO TRANSFORMADOR DO ESPAÇO EM ILHÉUS E ITACARÉ, BAHIA**. Dissertação de Mestrado em Cultura e Turismo – Universidade Federal da Bahia UFB. 2005.

SILVA, E.V. **Ecoturismo, turismo rural e patrimônio cultural**. 1997, p. 261-267. In. **TURISMO DE BASE LOCAL** identidade cultural e desenvolvimento regional. Editora Universitária João Pessoa. 2007.

ANEXOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA-UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Graduanda: Raiza dos Santos Albuquerque

Orientador: Me. Henaldo Moraes Gomes (UFCG)

Anexo-1 ENTREVISTA DESTINADA AO PROPRIETARIO DO LOCAL NA SERRA DO VITAL.

- 1- Como surgiu o nome Serra do Vital?
- 2- Quando começou o turismo na Serra? Como era e como acha que será?
- 3- Qual a contribuição da comunidade no desenvolvimento dessa atividade?
- 4- Qual o motivo levou você fazer esse tipo de empreendimento e porque outras pessoas não pensaram nesse mesmo serviço.
- 5- Qual o período do ano que percebe uma demanda maior na reserva de chalés?
- 6- A mídia contribui para o aumento do fluxo dos turistas para o local?
- 7- Quais as outras atrações existentes na Serra além do Restaurante?

